



Crucifixo intacto, entre ruínas, na frente portuguesa, apesar de ter cravada uma granada allemã.
Sentados em volta, officiaes do Corpo Expedicionario Portuguez.

(Phot. de um official expedicionario)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
33, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado
acresce o importe das despesas

Extrangeiro — Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

CAPAS PARA OS COLLECIONADORES DA 'ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA,'

Temo-las já impressas, a 440 réis

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Caselleo, se residir no concelho de Vianna do Caselleo; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Aljubarrota.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

V A G O

Estampas

para a enthronização do S. Coração de Jesus.
Impressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 60 réis.
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»
BRAGA

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria..

V A G O



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Peretra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 24 de Novembro de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 230—Anno V



A egreja de St.^a Cruz em Coimbra

CHRONICA DA SEMANA

Refugio! ...

PRIMEIRO sol invernall. Nos jardins citadinos mais depressa se apercêbe o fugaz aconchêgo do seu esmaecido calor, que é como um bafejo do céu para os pobresinhos. O frio inteiriçou em volta das arvores, sobre a areia ou o barro do chão das áleas e avenidas, muitas, muitas folhas. Os gritos longos dos pavões teem uma tristeza mais solitaria, e os gritos gârrulos das creanças apenas parecem ir substituir nos galhos desertos de folhagem o pipilo das aves que fugiram d'este céu tão azul, sem uma mancha!

Primeiro sol invernall. A elle, como espuma de um sabão de mil côres orientaes, cobrindo canteiros de moderna e exotica jardinagem, os crysantemos triumpham,—uns, bolas niveas como a quererem converter-se em luz, pequeninos astros rubros ou arroxeados; outros, de pétalas mais largas que parecem sonhar em transformar-se em rosas; outros ainda da humilde legião que inda ha bem pouco innudou os cemiterios; todos orgulhosos do fidalgo desalinho das cabelleiras, revolvidas n'um rythimo de flôr estranha, ora subindo como um hymno, ora cahindo desmaiado em elegias!

... E' pena realmente, sahir do refugio d'estas contemplações para a brutalidade da vida que ahi corre acapellada, aos empuxões da politica, entre as morbidas tentações da riqueza tortuosa, sem um gesto fidalgo, sem uma nota viva de esperança. *Words, Words?* Não, sô palavras, não, muito embora ellas sejam de melancolia, de tedio e de cansaço, sejam tambem de exprobração contra a sornice velhãca ou ridiculamente medrosa d'esta raça que inda não travou d'um sobreiro para se livrar d'uma vez para sempre, dos bandos que a reduzem a quantidade desprezivel.

Ainda hontem a *Monarquia* e o *Imparcial*, dois jornaes de *novos* se agitavam desesperados de encontro á fria muralha da consciencia nacional, berrando-lhe a urgencia d'uma revolta saneadora. Embalde! Os jornalistas do *Liberal* sahirão, expulsos, do paiz—e o governo permanecerá no poder por muito tempo, a rentar-se de 4 milhões de individuos que sub-rojam como larvas, por incapazes de embridar n'um instante, os gestos, os ademanes e as volteações escarninhas, de meia duzia de palhaços! Sob a égide democrática, serão arraia meúda os que travam e retravam palmo a palmo a lucta ingloria, mas é bem certo que por vezes uma insurreição sahe d'um desprezo insupportavel, que como disse Delaposse, *rien ne developpe l'impertinence des petits comme le bafonillage des Grands!*

Tive ha dias na mão um papel precioso. D'elle constava que cinco ou seis antigos pobretainas, hoje polificantes d'alto estôfo, vão associar-se para negocio d'algodão, o negocio mais caro de todos os permittidos pela guerra!

Como esses cinco, passam dezenas d'elles, todos os dias, deante de nós; as madamas sentam-se a nosso lado nos electricos arreadas de joias e de sêdas, vaporando perfumes usados á farta p'ra afugentar os suores antigos, e fallando de quando em quando para os donos uma linguagem atravessada de calão. A lingua atraíçoa-lhes a origem, e por mais bajonjices que ideiem para dar a impressão de gente limpa, sempre trescálam ao môfo bafiento.

Ah! mas é nos theatros que melhor vemos para onde vae parar esse novo. Ha dias um fácil critico de scena, observava que ao representar-se uma operetta sem dictos picantes, sem saracoteios torpes, sem o sublinhado como obsceno, os espectadores se haviam sentido como espantâdos. Pudéral! faltava-lhes o prato de resistencia com todos condimentos repuxantes das cançonêtas de café, garganteadas ou berradas pela nota-

vel coupletista, num ambiente méscado de tabaco, de gaz e de cerveja! Venha do palco o primeiro equivoco erotico e a sala vem abaixo a poder de gargalhadas.

E note o leitor: ellas, as *Pompadours* do feijão, do bacalháu, e das farinhas, batem o *record* da chalaça. Quantas vezes não as tenho surprehendido a acotovellar os os maridos civís, aguçando lhes a attenção, embora sem necessidade?

...Mas saíamos, saíamos depressa. Recordemos antes a graça silenciosa dos crysanthemos, este sol d'inverno que á hora e do logar onde escrevo, sobre a planura da beira-már a esbater no céu, como um soberbo aguarellista, os suaves tons do entardecer. Olham para elle já tristonhos os crysanthemos, roçados já pela fria aragem que volta,—elles sem pellichas!—cada vez mais encerrados na sua belleza floral egoista e insensível, a caricias que, muito distante do morbido orgulho das orchídeas, nos leva a assemelhar, n'uma imagem de espiritualidade mais frisante, o seu desdem com o da lua!...

F. V.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Lady Nervos

DARLING, perdão. Eu esqueci, esqueci-me a mim propria. Esta solidão, este voluntario exilio na minha toca, entre as flôres da minha estima e as arvores do meu conhecimento, fizeram de mim um ser aparte, uma creaturinha bisonha e molle, que não tem um capricho, que não tem uma esperança, que esqueceu. Malfadada hora em que julguei calmar estes nervos inquietos, exilando-me n'este sombrio logar, sem presentir que abdicava de mim propria, que me inutilisava, que me perdia, porque uma mulher suporta tudo, tudo, menos vêr-se esquecida. E' a dôr mais cruel, a mais amarga, aquella que mais fundo fere a intima, recondita vaidade, que existe na alma d'uma mulher.

Todas as mulheres tem a sua vaidade, todas!

As mais modestas são aquellas que melhor a dissimulam, mas no fundo lá está esse traço indelevel da phisionomia feminil, essa sombra vaga do capricho, essa segunda natureza, esse absorvente dominador sentido. Ai de quem nos apunhale a vaidade! Perdoamos tudo, affrontas, perfidias, tudo — o sorriso nasceu para perdoar — mas que não nos toquem na vaidade... Então a vingança, accende, inflama, uma alma rancorosa, vil, que só sabe morder...

A minha vaidade foi ferida, *Darling*, e eu não sei perdoar, perdoar-me, a hora de fraqueza em que cedi á phantasia louca de me encerrar n'esta solidão, de me pôr fóra do mundo, da vida, n'esta sombria tóca, tão longe de tudo, tão esquecida afinal. E agora que as cartas vão rareando, que nem um convite, nem uma noticia,—o echo d'um capricho, o vago murmurar d'uma esperança, batem á porta do meu isolamento eu revolto-me, indigno me, desespero. Triumphei na vida e a vida esqueceu-me. Não tenho quem me mande flôres, não tenho quem me envie palavras de conforto. Nos primeiros dias vi-me lembrada, senti-me desejada e ouvi lamentos, saudades para a minha ausencia. Mas hoje, quem se lembra de mim?! Quando fallo atravez d'estas cartas, que tantissimas vezes escondem lagrimas presinto que a minha voz é escutada como sahisse d'um tumulo e que os meus appellos ou as minhas queixas, passam afinal entre vocês todas, como uma sombra, como um espectro, como uma lembrança, só pelo que sou tal qual sou hoje boa e piedosa, cuidando das minhas flôres e dos meus pobres, insipida, caturra, piégas portanto, e não pelo que fui comvosco, dentro d'essa vida que renunciei, nas horas de triumpho, de gloria de capricho, que enchem a minha saudade hoje, mas que hoje tambem nada, absolutamente nada, representam já para vós. E é isto o que me amofina e desespera, e que me irrita, o que me torna intratavel, feroz, irreconciliavel, *Darling*: Perdão. A alma das mulheres é miseravelmente grande, mas é tambem, algumas vezes, infinitamente pequena. Não me esqueça tambem.

Sua desolada e esquecida

K...

SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

XV

Napoleão nunca existiu

PERES demonstra-o assim:

«Para começar; toda a gente sabe que os antigos poetas chamaram ao sol Apollo; mas a differença não é grande entre Apollo e Napoleão, e menor parecerá ainda, se remontarmos á significação e origem destes nomes. É certo que a palavra *Apollon* significa «exterminador»; e parece que este nome foi pelos Gregos dado ao sol por causa do mal que este lhes fez deante de Troya, onde uma parte do exercito pereceu pelos excessivos calores e pelo contagio que d'elles resultou, quando Agamemnon insultou a Crises, sacerdote do sol, como se pode ler no principio da *Iliada* de Homero; a fervida imaginação dos poetas gregos transformou os raios do maior luminar noutras tantas setas que o nume irritado por toda a parte lançava, e que teria produzido o ultimo exterminio se, para aplacar-lhe a ira, não fosse mandada em liberdade Criseide, filha de Crise, sacerdote sacrificador. Foi verosimilmente n'essa ocasião, e por esse motivo, que o sol foi chamado Apollo; em todo caso, qualquer que haja sido a circumstancia ou causa de que provem tal nome a este astro, o certo é que significa «exterminador».

«Apollo é a mesma palavra que Apoleon: derivam ambas de *apollyo* ou de *apoleo*, dois verbos grêgos que compõem um verbo só que significa perder, matar, exterminar. De maneira que, se o pretenso heroe do nosso seculo se chamasse *Apoleão*—teria o mesmo nome que o sol, e cumpriria ainda toda a significação deste nome, pois nos vem apresentado como o maior exterminador de homens que ainda existiu. Mas esta personagem é chamado *Napoleão*, e por consequente encontra-se no seu nome uma letra inicial que não apparece no do Sol. Sim, é certo que ha ali uma letra a mais e até syllaba, porque, segundo as inscripções por toda a parte affixadas ou esculpidas na capital, o verdadeiro nome deste pretenso heroe era *Neapoleone* ou *Neapolione*. Isto é precisamente o que se pode ver na columna da praça Vendôme. Comtudo, esta syllaba a mais não causa differença. Esta syllaba é sem duvida grêga como o resto do nome, e em grêgo o *ne* ou *nai*, é uma das mais fortes affirmações, que entre nós se pode traduzir por *verdadeiramente*. Donde se colhe que Napoleão significa: *verdadeiro exterminador, verdadeiro Apollo*. Elle é, portanto, verdadeiramente o Sol.

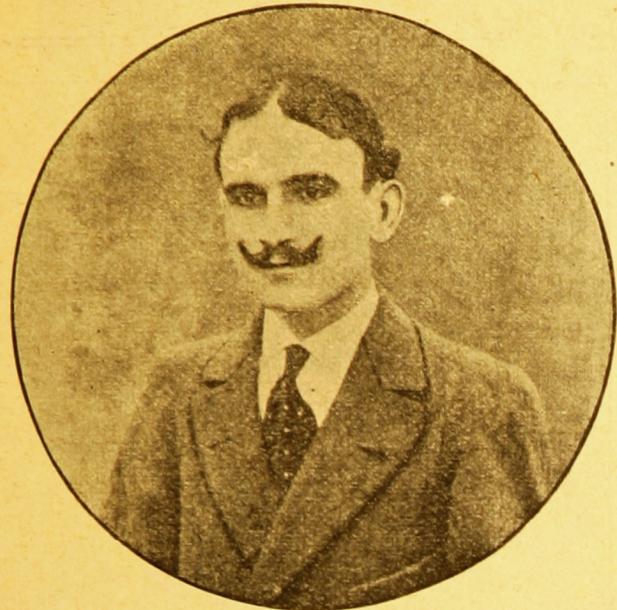
Mas que poderemos dizer do seu outro nome? Que relação pode ter o vocabulo *Bonaparte* com o astro do dia? A primeira vista não se descobre a relação, mas concebe-se, pelo menos que significando *bona parte* com *bom quinhão*, trata-se, sem duvida alguma, de alguma coisa dividida em duas porções, uma *boa*, outra *má*; de alguma coisa que, em substancia, se refere ao Sol Napoleão. Com effeito nada se refere mais directamente ao sol que os effeitos da sua revolução quotidiana, e estes effeitos são o dia e a noite, a luz e as trevas: a luz que de si dá vista, as trevas que prevalecem na ausencia da luz. Esta é uma allegoria tomada de empréstimo aos Persas: é o imperio da luz e das trevas, o imperio dos ge-

nios bons e dos genios maus. E a estes genios, maus aos genios do mal e das trevas, sacrificava-se antigamente com esta expressão imprecatoria: *abi in malam partem*. Se, pois, por *má parte* se entendiam as trevas, não pode caber, duvida, que por *bona parte* se deve entender a luz. É, em summa, o dia em opposição á noite; pelo que não é licito duvidar, que o nome *Bonaparte* tem relação com o Sol, pois se vêr tão bem acompanhado por *Napoleão*, que é o proprio Sol, como já provamos.

«Apollo, segundo a mythologia grêga, nascera numa ilha do Mediterraneo, isto é: na ilha de Delos; do mesmo modo se fez nascer Napoleão numa ilha do Mediterraneo; e a todas as outras se preferiu a Corsega, porque a sua situação, relativamente á França, onde se quis que houvesse reinado, está mais conforme com a situação de Delos relativamente á Grecia, onde Apollo tinha os seus principaes templos e oraculos.

«É verdade que Pausanias dá o titulo de divindade egypcia a Apollo: mas para ser nume egypcio não lhe foi necessario ter nascido no Egypto: bastou-lhe ter sido reconhecido lá como nume, e foi isso apenas o que quis dizer Pausanias. Este critico viajante fez-nos observar que os egypcios adoraram Apollo, e tanto basta para estabelecer uma relação mais entre Napoleão e o sol. Porque se disse que Napoleão foi considerada no Egypto como revestido de um caracter sobrenatural, amigo de Mahomet e digno de receber homenagens que tinham sabor de adoração.»

Já adverti que não pretendo entrar em compita de erudição com o auctor do opusculo. Relevem-me comtudo os leitores uma amostra do muito com que se podia reforçar a curiosa demonstração de Peres. Concordam os seus biographos de Napoleão em dizer que a expedição ao Egypto, sobretudo depois do desastre de Aboukir, em que Napoleão, destruida por Nelson a esquadra que lhe transportara as tropas, ficara prisioneiro na sua propria conquista—marca, essa expedição, o inicio propriamente do reinado, como rei, do campeão republicano. «Vae reinar;—diz o já citado Norvins—o general do exercito francez é tambem o sultão do Egypto: terá que consagrar todo o seu genio aos seus soldados e aos seus subditos. O destino obriga-o a fazer o ensaio do sceptro nas margens do Nilo...; Ora muito bem: segundo a lenda do pretenso Napoleão, o navio que o levou ao Egypto é uma prova mais de que se trata de uma allegoria solar. Chamava-se: *L'Orient*, o *Oriente*, litteralmente *o nascer do sol*! Mais: os ultimos estudos dos Egyptologos illuminaram uma grande revolução que houve no Egypto na XVIII dynastia (seculo XVIII?) em que lá surgiu um Pharaó que restaurou o culto do sol, operando uma verdadeira revolução e ficando conhecido na historia com o nome, precisamente de *Pharaó do disco solar*—cujo esplendor foi ephemero como o de Napoleão no Egypto. Quem quiser notar as analogias curiosas entre os dois, leia o longo estudo *Le pharaon du disque solaire*, publicado por *Camille Legier*, nas *Recherches de science religieuse*, julho outubro de 1913, pag. 297 a 341.



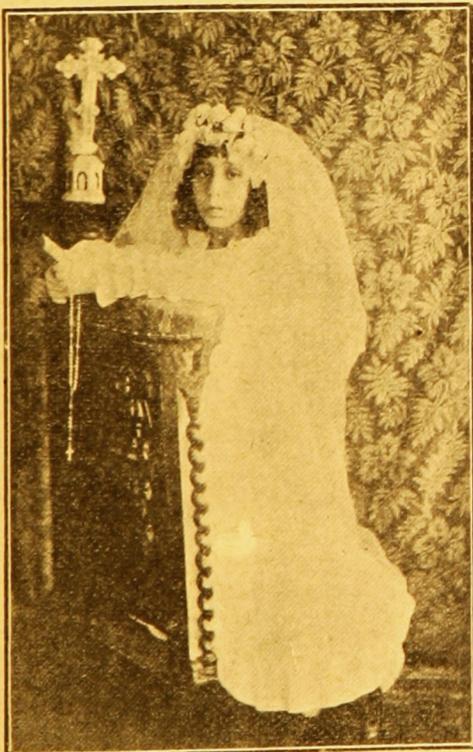
Teixeira Pinto

Esquecidos

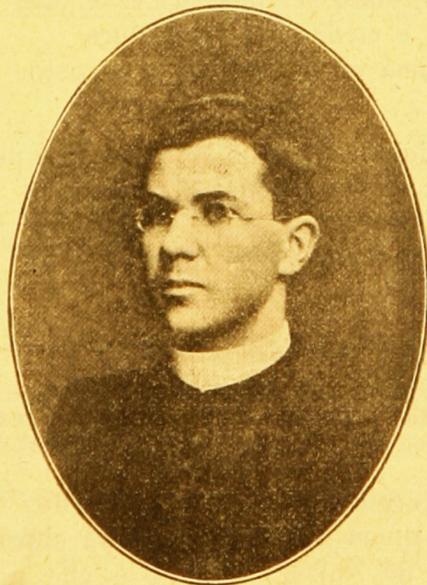
por Teixeira Pinto

Não carece o sr. Teixeira Pinto de que o apresentemos ao publico portuguez amante da litteratura, pois o seu nome tem firmado grande numero de mimosas poesias nas paginas d'esta *Illustração Catholica*. Apenas com dizer que acaba de sair dos prelos um seu livro de versos, os *Esquecidos*, teriamos cumprido a nossa missão.

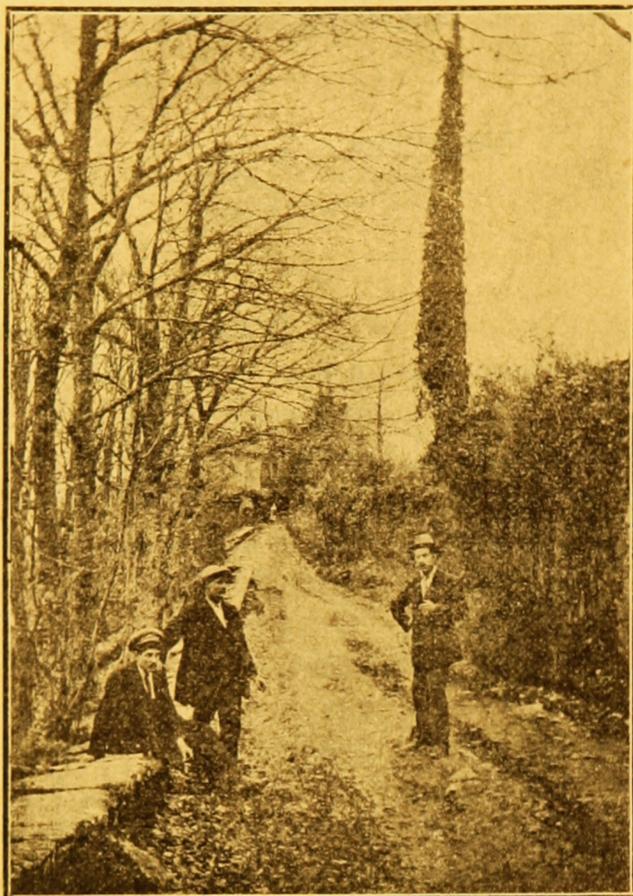
Mas se estavamos desobrigados, sob o ponto de vista do registo litterario, não o estavamos como admiradores das eximias qualidades do litterato. Assim devemos prevenir o publico amante da boa litteratura que o novo livro é como todas as composições do mesmo senhor, fluente e rico de bellezas litterarias e sentimento. Que o favor dos leitores corresponda á fina perola litteraria, porque novas producções venham enthesourar-se no escritorio da arte portuguesa.



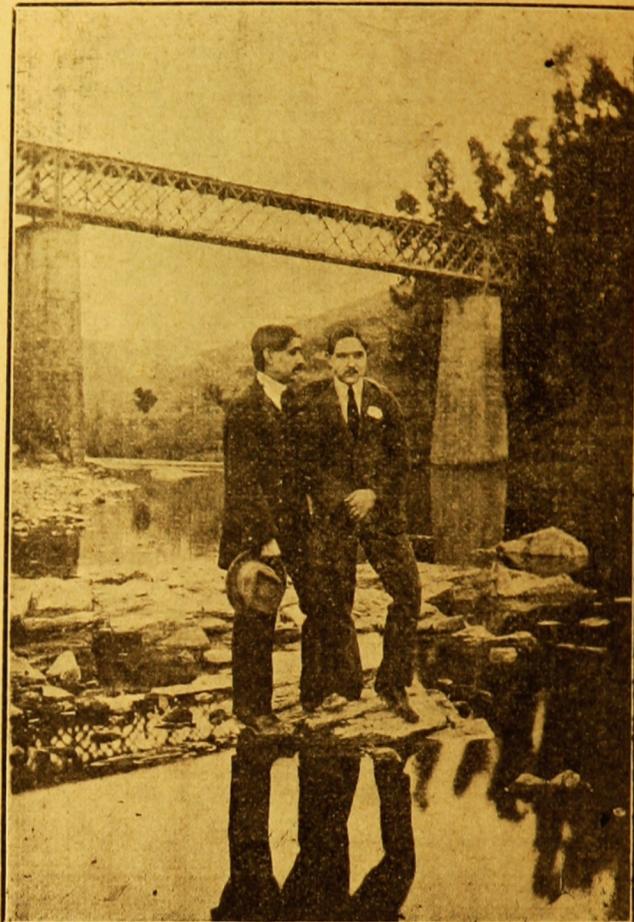
A menina Margarida Cardoso Mirandella, filha do sr. Antonio Cardoso da Fonseca Mirandella, que ha dias fez a sua primeira communhão na Regoa



Rev. P. José Pinto d'Oliveira



A caminho de Loureiro



Margens do Corgo

Dor infinita

*Ao R. P. J. Serafim Gomes
com penhorado agradecimento.*

Eu compreendo, Poeta, esse desgosto,
Bem profunda sentindo a desventura
Acerba, e meditando na tristura
De espinea corôa ser-vos o recosto.

A mim tambem a dor sombras tem posto
N'alma; lá vejo crepes e negrura:
A' boca resequida, a Patria impura
Oferta fel e não divino mosto.

Ai! não transponha lusitana linde:
Se nos a face ao recorda-la córa!
Se ella do Céu, e Deus, e honra prescinde!

A Cruz erguemos; seu fulgor irrita.
Feliz de quem na terra extranha chora!
Mas ser na Patria extranho e eilla precita!...

J. Ribeiro Coelho.

CREADAS



— Não imagine que me rouba; eu entendo d'isto perfeitamente!

— O quê? A senhora já foi cosinheira?



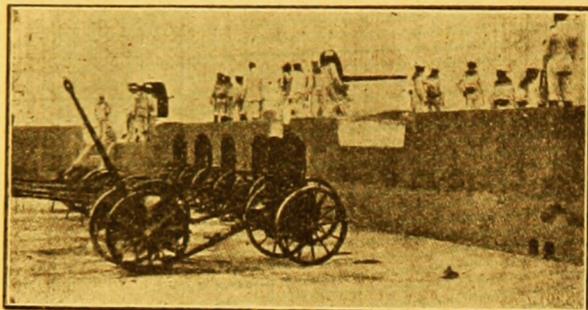
PORTUGUEZES NA GUERRA

Um grupo de sargentos
 1 *Mario Augusto Ferreira.*
 2 *Antonio Cerqueira Maciel*
 3—*Manuel Ventura*
 4 *Emilio Esteves da Silva*
 5—*José de Sousa e Castro.*

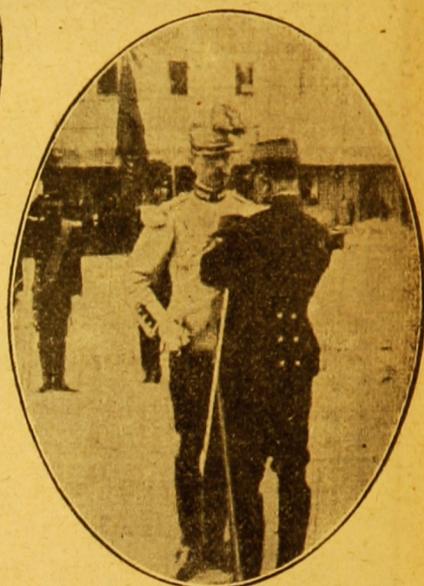
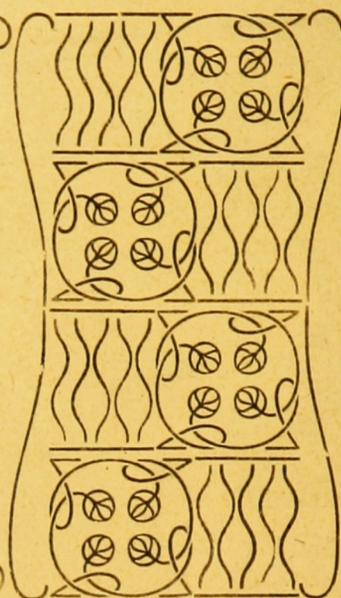


Antonio Joaquim Boucela d'Araujo, 2.º
sargento de infantaria 8, natural de Braga
fallecido em 27 de Setembro, por ferimentos
recebidos no combate do dia 24, no qual se
portou heroicamente no perigoso posto de
metralhadoras.

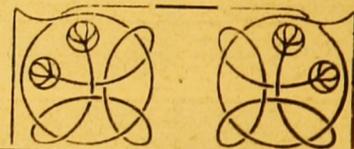
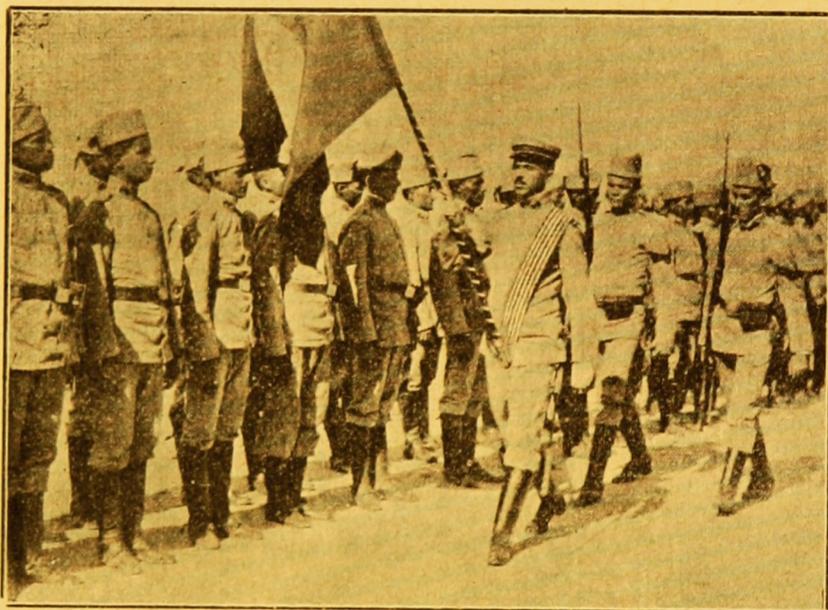
O BRAZIL ENTRA NA GUERRA



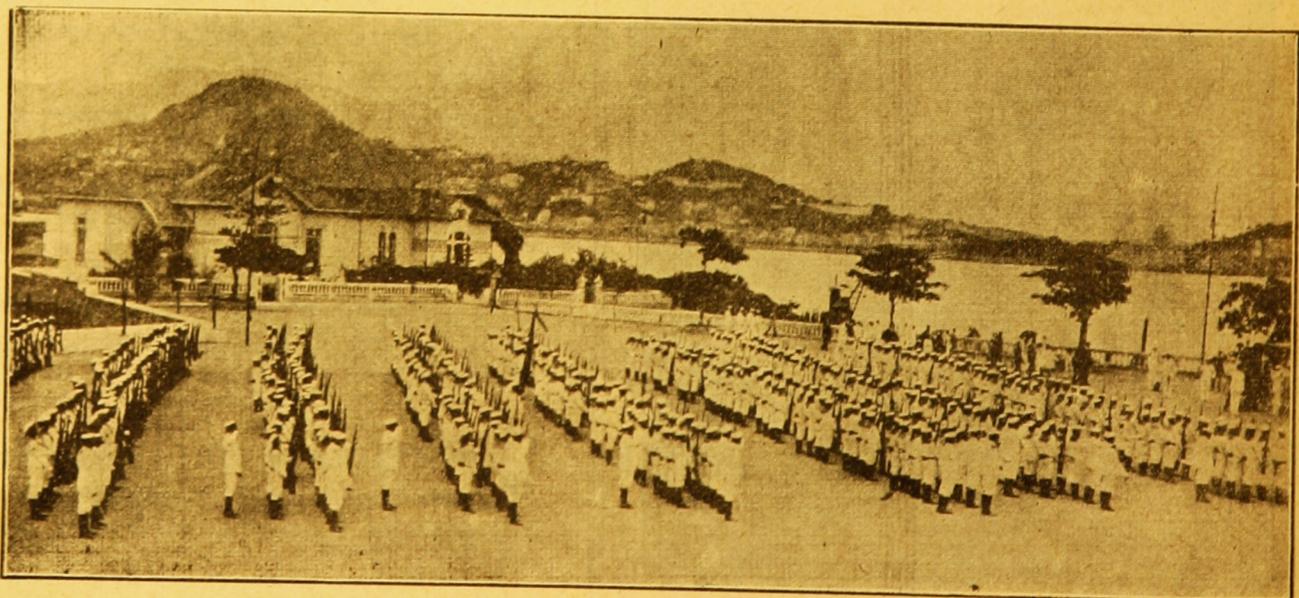
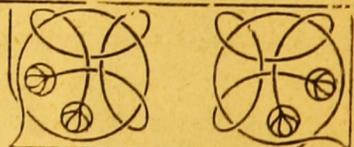
Um forte na costa brasileira



A condecoração d'um oficial brasileiro por um oficial superior na parada d'um regimento



O acto de entrega dum novo estandarte a um regimento



Uma parada da marinha de guerra brasileira

Litteratura



ultimo pensamento litterario—como a ultima moda—vem de França. A *Nouvelle Librairie National* e o *Paquin* são os dois principaes factôres da civilização latina.

Ha pouco mais de um seculo a França mandou-nos de presente, como uma tentadôra Salomé, e cabeça ensanguentada de Luiz XVI. Agora offerece-nos, em resposta aos discusos da Convenção, as doutrinas *realissimas* do Charles Maurras.

Quem no diria? Em tão pouco tempo—uma tão grande transformação!—Ainda me lembro de ter lido Zola. Era o naturalismo grosseiro então em voga, alternado com as paginas carnavalêscas de Paulo de Kock. Hoje ninguem tolera os dois auctôres esquecidos. Vieram da lama e voltaram para a lama.

Tambem é do meu tempo Victor Hugo—e esse poema perturbadôr das almas delicadas, o *René* de Chateaubriand. Passaram de moda.

Leu-se depois Flaubert e não havia ninguem que não sentisse arripios de entusiasmo com o *satanismo* de Beaudelaire. Descançam em paz.

Appareceu finalmente o paganismo d'Anatole France, os sonhos orientaes de Pierre Soti, o refinamento de Edmond Rostand. Na Italia, como o cantôr miseravel do prazer, o poeta das taças d'oiro e das mulheres nûas, surgiu Gabrielle d'Annunzio. Mas os fados cumprem-se. O gôsto das modernas gerações continuava insatisfeito. As folhas douradas do *Lis rouge*, de *Mort de Philae*, da *Samaritaine*, de *Il piacere* cobriram-se de poeira... Os rapazes d'hoje lêem *Le Démon de Midi* de Paul Bourget, *La Grande pitié des Eglises de France* de Maurice Barrès *La Peur de Vivre* Veury Bordeaux, *La Bonne Souffrance* de Coppée, *Les jenues gens d'aujourd'hui* d'Agathon, *L'Immolé* de E'mile Baumann, *Les Mains Jaintes* de François Maurice, os livros immortaes de Ernest Psychari, o neto de Renan, de Paul Clandel, de Charles Pégny, de Francis Jammes...

Ainda não ha muito os escriptores elegantes, rivaes de Duran e de Watteau, traçaram perfis de mulheres saborosas. Havia o gôsto da luxúria. Homem de letras cultivavam-se como bellêsas de ephebos, viviam em tôrres de marfim. E se olhavam para o mundo era só para falar em nostalgia e para dizêr o seu profundo desdém.

Esquecidos do paraizo terreal imaginavam uma phantastica Venêza, a patria dos seus desejos. E apenas admitiam meia dúzia de logares habitaveis. Ostende, Biarritz, San Sebastian, Monte Carlo, Paris, Interlaken, Zermatt, Biskra. Florença, Stocholmo e Constantinopla. Esta ultima com harém—entenda-se!

Agora não. O ultimo principe russo, a valêr, foi o grão-duque Wladimir e cortou as relações com Paris. As ultima estravagancia de Miss Mabel * * * foi apparecêr vestida de enfermeira. O ultimo cysne heraldico morreu tysico no parque assombreado da ultima condêssa romantica. Os pavões finaram-se do têdo. Interlaken é uma maçada. Ninguem falla em Biarritz.

A litteratura deixou de sêr piégas para sêr forte. E na orça que palpita o germen da bellêsa.

Os tempos mudaram. O *sentido* da Vida já não é o prazer: é o sacrificio. As ideias depuraram-se no *cadinho* da guerra. O sofrimento transformou-as. O mundo renova-se.

Quem diria ha quatro annos que fôsse possivel Henry Bernstein, "o pintôr realista e brutal da vida", escrevêr *L'Élévation*?

Manoel Semblano.

Casal de Santo Antonio

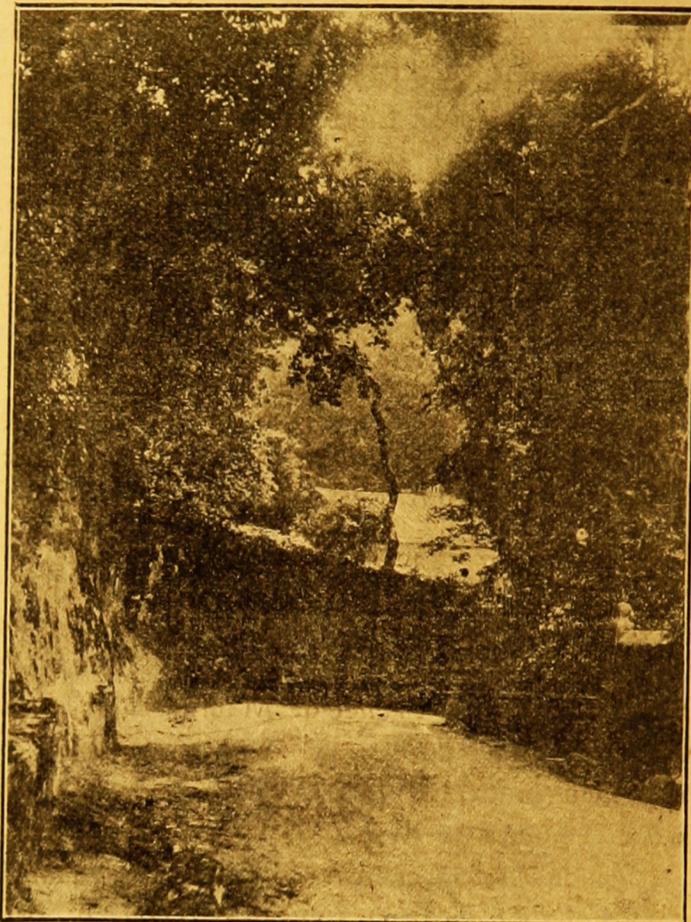
NO meio da villa de Cintra, entre quintas floridas, a caminho dos Pisões, está situado o *Casal de Santo Antonio*, pertencente ao Ex.^{mo} sr. Eduardo da Cunha e Costa (Picões).

Por uma tarde d'estas em que o sol brilhante ia cahindo para o poente, espalhando pelos vergeis a sua poesia dourada e suggestiva, quando pelos troncos dos carvalhos e dos platanos as aves saltitantes chilreavam alegremente, suavemente, fui visitar pela primeira vez o florido Casal, que pelas chronicas deve ter pelo menos trez seculos de existencia. O snr. Cunha e Costa recebeu-me com aquella fidalguia e amabilidade que sempre nos encanta.

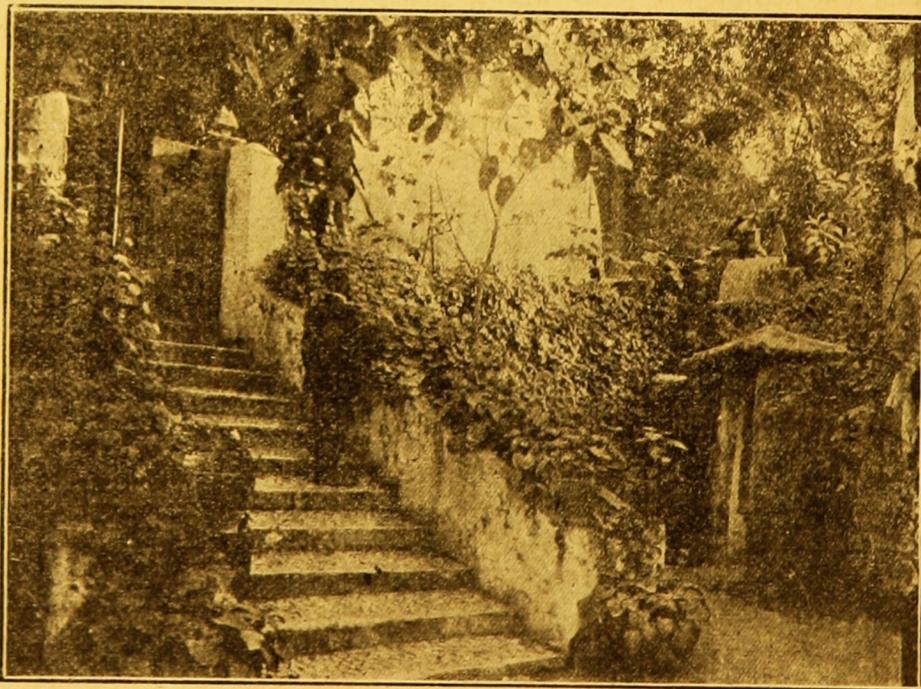
E' um vasto salão deparamos com lindos moveis antigos e interessantes objectos de louça antiga, na sala de jantar bellos productos da antiga louça do Rato; pelas paredes quadros antigos. Tudo alli respirou uma atmospheria d'arte que me encantou deveras! Descemos ao jardim, um rincão encantador de verdura e de flôres, cujas matizes dão nos a illusão de uma pintura hespanhola de Burgada.

Pelos canteiros voejam mariposas, um profundo silencio nos rodeia; atravez da ramaria das arvores uma luz tonificante vem illuminar em uma das paredes da casa, um retabulo azulejado de Santo Antonio, tendo na frente uma lampada.

Suggestivo recanto de elevação



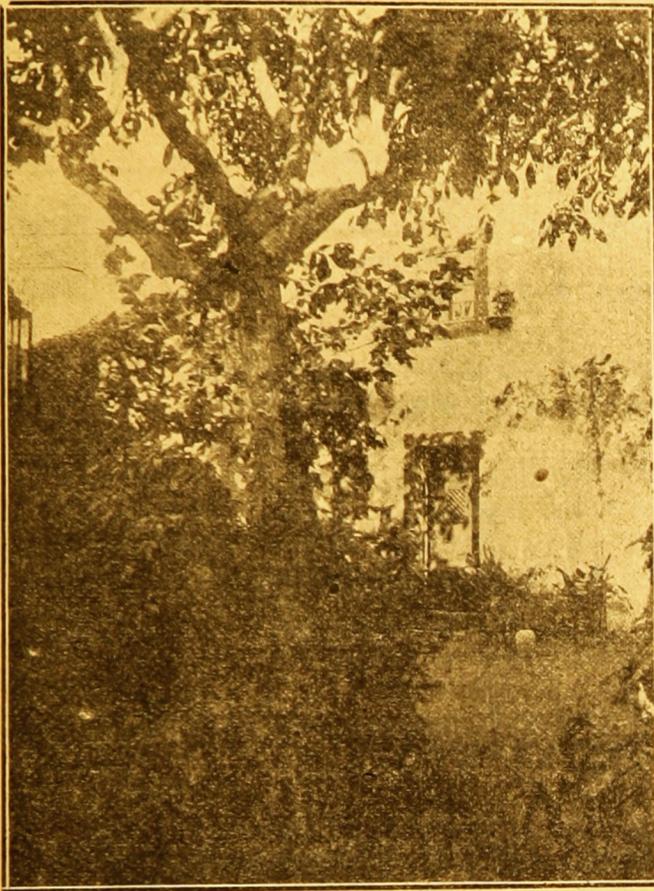
Trecho d'uma estrada em Cintra, ao cair da tarde



Casal de Santo Antonio — Um aspecto do jardim vendo-se o snr. Eduardo da Cunha e Costa, tratando das suas flôres favoritas

mystica e glorioso santo portuguez!

Se a casa e o jardim me encantaram, outra surpresa me esperava. Do outro lado do jardim n'uma pequena casa toda caiada de branco, está um pequeno museu regional. Em duas pequenas salinhas, alli vimos immensos productos das nossas provincias. Em todos aquelles objectos está vincada a alma do povo portuguez, a sua raça!



Um trecho do jardim do Casal de Santo Antonio
pequeno museu regional

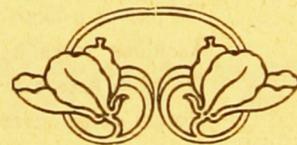
O snr. Cunha e Costa mostra-me tudo com aquella uncção maravilhosa de um grande amator das coisas da nossa terra.

Bem haja!

No *Casal de Santo Antonio* respira-se uma fidalguia antiga que vae hoje rareando infelizmente; alli ha bondade e crença, alli ha amor e devoção por tudo que é portuguez.

Cintra,
fins de setembro
de 1917.

Alfredo Pinto (Sacavem).



Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos

POR TITO FLABIO

João Bart

JOÃO Bart foi um dos mais bravos e dos intrepidos marinheiros francezes. Achava-se um dia este valente corsario n'um café de Bergue, quando se sentou á sua meza um inglez, que lhe perguntou:

— Sois João Bart?

— Sou.

— Venho procurar-vos para um desafio no mar alto...

— Estou ás vossas ordens logo que tenha no meu navio as provisões que espero. Tenho até um enorme empenho em lutar com os inglezes.

— Mas enquanto estivermos n'este porto neutro havemos tratar-nos como amigos...

— Certamente.

— Pois então convido-vos para jantar amanhã no meu navio...

João Bart aceitou o convite e no dia immediato banqueteava-se com o corsario inglez. Bebido o ultimo calix de agua-ardente e quando ia a despedir-se João Bart ouviu do inglez estas palavras:

— Prometti em Londres levar-vos prisioneiro, e por isso não sahireis d'aqui.

João Bart sorriu serenamente, acendeu o seu cachimbo e d'um salto ficou junto de um barril de polvora.

— Se alguém dá um passo para mim o navio voará immediatamente pelos ares!

O terror foi enorme nos inglezes. Aproveitando-se do assombro, um marinheiro francez que tinha acompanhado o seu capitão fez signal para o seu navio. A marinhagem franceza passou á espada a marinhagem ingleza e apoderou-se do navio.

O MORGANHO ATREVIDO

Naquelle moinho,
Alli do visinho,
Morganho sabido,
Manhoso, atrevido,
Sahia e entrava
Quando lh'agradava.

Depois do sol posto
Lá ia com gosto
Galante e airoso.
O rato famoso
Fazer o buraeo
No pernil do sacco.

De nada sabia
O nosso vizinho,
Nem mesmo previa
Qu'ó cel'bre ratinho
De portes a dentro
Assiduas vezes
Do trigo fizesse
Roupa de francezes.

Um dia o moleiro
Com ar prazenteiro,
Com ar todo lèdo
Ergueu-se bem cêdo,
E foi direitinho
Ao dito moinho

Puxando a tripeça
N'ella se sentou
E com voz roufenha
Tossio, escarrou.

De Carlos Magno a leitura
O bom moleiro fazia
Ao povo d'aquelle aldeia
Que todo attento acolhia
Essas phrases repassadas
De piedade e uncção
Que iam sendo proferidas
Por esse Santo ancião.

Quando terminou de lêr
O alfarrabio fechou,
E pondo então mãos á obra
Todo o trigo arrecadou,
Eis qu'avista, lá ao fundo,
Algum trigo derramado,
E quer saber o motivo
D'esse factó desuzado.

Affastando a saccadura,
Fez assustar o morganho,
Esse damninho animal
Bem pequenino em tamanho
Q'em calças pardas se viu
Presentindo a sua sorte
Pois sabia q'ó delicto.
Pagaria com a morte.

Tinha a sentença lavrada
Nos registos do moinho,
A quem devia appellar
O desditoso ratinho?
Só lhe restava um recurso
O Supremo tribunal!
D'elle se ia valer
Como soccorro final.

Quiz sêr sua advogada
Do moleiro uma netinha,
Qu'apezar dos tenros annos
E d'inda sêr pequeninha,
Pertencia á sociedade
Protectora d'animaes.
Que mesmo aqui na Madeira
Presta serviços reaes!

Empenhou-se pela causa
Com tanto engenho e destreza,
Fazendo a favor do rato
Uma brilhante defezal
Que o moleiro commovido
Em voz doce e paternal,
A sentença revogou
Ao pequenino animal!

No alçapão do moinho,
Dependurada nas traves
Foi guardada a ratoeira
Debaixo de sete chaves

E o morganho atrevido
Ficou sendo devedor
A' creança que de graça
O defendeu a primor.

G. Acciaoli.

Funchal—Ilha da Madeira—24-6-1917.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas: — **CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapeuta *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da *Coleção Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade — *Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório — Utensilios e modelos para desenho e pintura — **Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

— DE —

Esculptura em Madeira

— E —

PINTURA

Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134 — BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

Preços modicos

Contra riscos e guerra terrestres e maritimos, gréves, tumultos e roubos, segura a *Companhia Luzo-Brazileira de Seguros*

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
19-2.º — Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot-
o-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povo-
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto 105-1.º BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Harmoniuns, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.^a

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588 — RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa, Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis. encarrega se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echosdo Minho», e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA